

# CLAUSTROFOBIA

Por Joice Cristina Carollo

*Sou um homem na caixa.* A caixa se tornou meu universo, um microcosmo de impotência e desespero. A sanidade era uma linha tênue que eu lutava para manter, enquanto a loucura me observava de longe.

De casa, para o trabalho; do trabalho para a academia, e de vez em quando eu faltava academia para dar conta de algum freelance que eu pegava para cobrir as contas. Eu estava muito cansada. Eu ia surtar e isso era só questão de tempo. Cada hora que eu passava dentro daquele escritório, era uma hora mais perto que eu estava do hospício.

Eu vivia esperando pelo fim. Fim do dia, fim de semana, fim de mês, fim de ano, e isso se repetiu a minha vida inteira. Quando completei 28 anos, eu entendi que, ser adulta, significava estar *literalmente* presa em uma caixa de onde não se pode sair; vivendo o mesmo dia, um dia após o outro. E um dia após o outro, cansa.

Mas eu ainda tinha sonhos. Odiar a minha vida não significava que eu queria perde-la, só que eu queria que ela melhorasse.

E era essa esperança que me impulsionava a acordar todos os dias às 6 da manhã, dirigir até o meu trabalho, subir exatos 32 lances de escada, e permanecer 8 horas por dia dentro daquele escritório sem janelas do 16º andar, sem nenhum respiro de felicidade.

Eu não era a única a usar a escadaria do prédio.

Alguém fumava escondido por aqueles degraus, em algum descanso entre um lance e outro, talvez. Volta e meie eu sentia um cheiro muito forte de Marlboro misturado com adrenalina. Era quase um convite ao proibido que sempre me trazia a nostalgia de um frio na barriga que não tinha tempo de sentir.

Um perfume suave de banho recém tomado às vezes denunciava a presença de alguém que passou por ali, às vezes a denúncia vinha através de um aroma de café recém passado, ou bolo assando. O que não era incomum, embora aquele não fosse um prédio residencial.

Mas naquele dia em questão, percebi uma manifestação diferente da pessoa que estive ali pouco antes de mim. As escadas estavam molhadas; e o cheiro no ar era metálico e doce, disfarçado com água sanitária. Aquele cheiro ainda estava impregnado como uma maldição na escadaria do prédio, e agora também na minha memória. Faixas amarelas com preto me advertiam a não ultrapassá-las.

*Droga. Vou ter que usar o elevador.* — Pensei.

Apertei o botão e as portas se abriram; o elevador já estava no térreo. Entrei, e lá estava eu, *dentro da caixa*. Assim que as portas se fecharam, eu me arrependi da decisão que tomei, mas era tarde demais.

Eu lembro de cada sensação. Meu coração acelerando, as extremidades do meu corpo amortecendo, e o ar não parecia ser o suficiente dentro daquela cabine. Meu peito começou a doer, e eu senti que ia morrer ou perder o controle a qualquer momento, e essa nem é a pior parte. A pior parte era que a caixa ainda estava no sétimo andar.

De repente, ouvi uma explosão que parecia ter acontecido dentro da minha cabeça; um estampido seco, agudo, e muito alto. Tão alto que fez as luzes se apagarem, e nesse momento, a caixa sofreu uma forte turbulência, que me fez desequilibrar e cair. Eu jamais alcancei o chão. Ao invés disso, acordei sobressaltada na minha cama, na minha casa.

Após me recompor daquele pesadelo estranho, levantei, tomei café, fiz minha higiene matinal, me arrumei, e saí para trabalhar. Liguei o rádio do carro, na mesma lista de reprodução de sempre; a última faixa reproduzida era “Man in the box” da banda Alice in Chains.

*Eu sou um homem na caixa.*

Eu já havia tido esse pensamento no passado, só não lembrava em que contexto, nem quando. Mas o fato é que senti uma estranha sensação de familiaridade que foi ficando mais forte a medida que eu me aproximava do prédio.

No estacionamento do prédio, deixei meu carro na mesma vaga de sempre. Perto o suficiente da porta para sair dali o mais rápido o possível depois do meu expediente, mas longe o suficiente para que meu carro ficasse seguro. Peguei minha bolsa, e saí do carro, me dirigindo a escadaria do prédio, que não sou a única a usar.

As escadas estavam molhadas; e o cheiro no ar era metálico e doce, disfarçado com água sanitária. Faixas amarelas com preto me advertiam a não ultrapassá-las, *exatamente como no meu sonho*, observei enquanto franzia o cenho.

*Droga. Vou ter que usar o elevador.*

*Pera aí, eu já tive esse pensamento antes?*

Por um momento, senti como se estivesse vivendo algo *de novo*. Não era bem um déjà vu, se parecia mais com uma lembrança.

O elevador já estava no térreo, então entrei, e eu lembrei de tudo o que aconteceu no meu sonho, mas era tarde demais. As portas já haviam se fechado e em seguida ocorreria uma explosão que parecia acontecer dentro da minha cabeça; as luzes se apagariam, a caixa sofreria uma forte turbulência, que me faria desequilibrar e cair de volta na minha cama. Acordei sobressaltada, desse pesadelo estranho que tive.

Levantei, tomei café, fiz minha higiene pessoal, me arrumei e saí para trabalhar. A última faixa reproduzida no rádio do meu carro, era “Man in the box”.

*Eu sou um homem na caixa.*

Eu lembrava desse pensamento. Eu definitivamente *já havia pensado* sobre isso. Senti como se eu já tivesse vivido aquele momento, e lembrei de uma certa sequência de acontecimentos que viriam daquele momento em diante; então estacionei o carro a meio caminho do trabalho e fiquei um tempo ali, até aquela sensação passar, e passou imediatamente. Acredito que porque eu quebrei a sequência.

Só voltei a dirigir quando me senti normal novamente. Bem, “normal”, mais ou menos. Aparentemente a minha playlist estava travada na faixa “Man in the box”, e eu não conseguia passar, ou voltar para a música anterior. Mas pelo menos não me sentia mais como se estivesse vivendo numa realidade paralela onde tudo se repete.

Essa sensação de normalidade se dissipou quando cheguei na escadaria do prédio e percebi que a passagem estava interditada.

*Não dessa vez — pensei.*

Dei a volta no quarteirão e entrei no prédio pela porta da frente. A escadaria estava interditada ali naquele ponto também. Fiquei esperando o elevador junto com um casal. Quando a cabine chegou, desceram 3 mulheres, conversando animadas sobre uma sala comercial que visitaram, e junto com elas havia um homem de aproximadamente 40 anos. Ele tinha cheiro de Marlboro. Me chamou atenção, primeiro porque ele morava no meu bairro; depois, porque resmungava sozinho coisas sem sentido, parecia confuso, e parou algumas vezes antes de se dirigir ao hall.

Eu e o casal entramos no elevador. Meu coração acelerou, as extremidades do meu corpo amorteceram, e o ar não parecia ser o suficiente, meu peito começou a doer, e eu senti que ia morrer ou perder o controle a qualquer momento, e essa nem é a pior parte. A caixa ainda estava no sétimo andar.

*Droga!*

Eu estava vivendo tudo outra vez!

Acordei sobressaltada na minha cama, mais uma vez. E eu tinha quase certeza que eu estava vivendo o mesmo dia, por vários dias consecutivos, pois eu lembrava vagamente de algumas coisas. Era como um sonho, o mesmo sonho que eu tive ontem e anteontem, mas a memória estava ali. Eu lembrava, inclusive, de acordar exatamente como naquele momento.

É claro que pensei que houvesse enlouquecido, e só percebi que, talvez não, quando liguei o rádio do carro e a playlist estava travada na canção “Man in the box”; tive certeza quando cheguei na escadaria do prédio e ela estava interditada.

Tinha alguma coisa acontecendo ali.

Dei a volta no quarteirão, como lembrava de ter feito no dia anterior, encontrei o casal esperando o elevador, quando o elevador chegou, desceram 3 mulheres e um homem com cheiro de Marlboro, que eu conhecia, e fingiu não me ver. Então eu lembrei. Eu não deveria pegar o elevador.

Enquanto o casal entrava no elevador, vi meu vizinho com cheiro de Marlboro olhar para trás várias vezes antes de sair pela porta do hall de entrada, como se temesse estar sendo seguido, ou algo do tipo. Será que ele também estava vivendo o mesmo dia, todos os dias?

A verdade é que esse meu vizinho era bem estranho, então aquela atitude podia significar qualquer coisa, inclusive algum envolvimento com aquele dia que não acabava nunca. Eu não tinha nada para fazer, então é claro que o segui de longe.

Pegamos o ônibus, chegamos no nosso bairro, e nada estranho aconteceu até ele chegar em casa. Ele morava sozinho numa casa azul de madeira, bem humilde, mas muito aconchegante e bem cuidada, de frente para uma área verde. Nenhuma movimentação incomum, nenhuma reação suspeita, nada. Fiquei um tempo parada na frente da casa, horas talvez. Ele não saiu, exceto para levar o cachorro para passear. Um pastor alemão chamado Perigo.

Ele nunca recebia visitas, a casa estava quase sempre fechada durante o dia e ele acordava, todos os dias, às 04:00 horas da manhã em ponto. Isso era motivo de várias especulações pelo bairro, porque ele era aposentado devido a um acidente de trabalho, e por isso, podia dormir até tarde se quisesse. Ele quase nunca sorria, e o olhar dele parecia sempre distante, como se constantemente olhasse para dentro de si mesmo, buscando por memórias felizes e sentimentos bons. E nos raros momentos em que os encontrava, ele sorria; um sorriso tímido e quase imperceptível, mas estava lá, acompanhado de um brilho fugaz nos olhos cansados. E quando ele conversava com o Perigo, nesses momentos, ele parecia emergir de si mesmo de volta a realidade.

Ele deixou a porta aberta ao sair. Era normal, não era um bairro perigoso.

Alguns minutos depois vi o Perigo voltar andando para casa, e entrar pela porta aberta, sem a guia, mas o homem não voltou junto com o cachorro, e nem depois dele. O cachorro era tudo o que aquele homem tinha, ele não o deixaria solto sozinho. Achando aquilo um pouco estranho, fui averiguar. Não vendo ele em nenhum lugar, entrei na área verde e foi aí que o vi, pendurado pelo pescoço no galho de uma das árvores do local. Aquele havia sido o último passeio do Perigo junto com ele, por isso ele deixou a porta aberta; para que seu amigo tivesse para onde voltar. E eu nunca saberia se ele estava vivendo o mesmo dia, todos os dias, como eu.

Eu queria chamar os bombeiros, ligar para alguém, sei lá. Mas ele já estava morto, e eu podia fazer uma coisa melhor.

Voltei para o prédio do meu trabalho e peguei o elevador.

Acordei na minha cama, como eu lembrava de ter acontecido antes, e repeti todo o ciclo até o momento que o encontrei no hall do prédio.

Quando o vi descendo do elevador naquele dia, que para mim era o mesmo, mas para ele, talvez, fosse o último dia de vida, me coloquei entre ele e o hall, e disparei a pergunta que não queria calar:

— Os dias estão se repetindo para você também?

Ele passou por mim fingindo não me conhecer, mas eu vi que ele olhou no fundo dos meus olhos. Corri para a frente dele, e repeti a pergunta.

— O que? ...não! — Ele franziu o cenho e tentou desviar de mim, delicadamente. E as pessoas que passavam por ali, assim como a recepcionista, *nos* olhavam e *se* entre olhavam; algumas sorriam e cochichavam entre si.

— Você vai mesmo ter coragem de deixar seu cachorro sozinho?

— O que? Do que você está falando? — Ele parecia confuso.

— Você sabe, você vai... olha, não faça o que você está pensando em fazer, ou vai pensar em fazer, muito em breve. Pelo Perigo!

Ele desviou e o deixei ir dessa vez. Aparentemente, os dias não se repetiam para ele, ou, se repetiam, e ele não percebia.

— Por favor! — Gritei. Ele olhou para trás pela última vez antes de sair pela porta, e eu torci, de verdade, para que ele escolhesse a vida e continuasse cuidando tão bem do Perigo, e da casa azul.

É óbvio que eu não acreditava que ele desistiria da decisão que tomou, só porque eu, uma quase desconhecida, pedi. Revirei os olhos e amaldiçoei a minha consciência por me alertar que talvez eu fosse a única pessoa que poderia fazer alguma coisa por ele naquele momento. Decidida, saí correndo atrás dele porta a fora, e corri até a garagem do prédio. Fui dirigindo até o nosso bairro e estacionei o carro 3 casas antes da dele, e então esperei.

Meu celular tocou, era minha chefe. Ignorei a chamada. Eu pensaria sobre o que diria a ela só quando eu resolvesse tudo. Pela barra de notificações vi que ela já havia me enviado mensagens, que não visualizei. Silenciei meu aparelho e o joguei de volta sobre o banco do passageiro.

Assim que olhei para frente, lá estava ele, levando o Perigo para passear. Peguei uma tesoura que eu sempre trazia no porta luvas e o segui.

Decidi que eu não ia interromper nada, mas estaria de olho, ao longe. Eu ainda tinha esperança que ele atendesse o meu pedido, mas eu queria ver até onde ele iria. E ele foi até o fim.

Eu o vi tirar a guia do Perigo, pedir a pata dele pelo que seria a última vez, e amarrar a guia num galho alto o suficiente para que seus pés não tocassem o chão. Como podia

ser tão covarde e submeter um animalzinho inocente, que confiava nele, ao abandono de uma forma tão cruel?

O vi pegar uma lata de tinta, descartada ali por algum morador, o vi subir na lata, passar um laço que fez com a guia ao redor do pescoço, e o vi derrubar a lata, ficando suspenso.

Só então, senti que era o momento certo para intervir. Se ele já estava decidido, então ele precisava sentir o peso da sua decisão.

Andei em sua direção já com a tesoura em punho, e sem demorar muito mais, subi na lata e comecei a cortar a guia com a tesoura, enquanto o homem esperneava, e emitia ruídos agonizantes com a mão no pescoço, numa tentativa fracassada de afrouxar o laço.

Não levou muito tempo até a guia ceder e o homem cair de joelhos no chão de terra. Em desespero, ele levou rapidamente as duas mãos ao pescoço e soltou o laço que o prendia, inspirando uma generosa porção de ar para dentro dos pulmões, se afogando e tossindo como se não houvesse amanhã depois disso.

Bom, e realmente não havia amanhã; não para mim, eu estava *presa no hoje*. Uma espécie de loop temporal, ou algo assim. *Uma garota na caixa*, girando em círculos em busca de uma porta aberta. E já que eu estava presa ali, iria deixar aquele espaço de tempo mais feliz do que o encontrei.

Agachei-me na frente dele, para ficarmos no mesmo nível, e esperei ele se recompor. Ele pegou a minha mão direita e a segurou tão firme, como se agarrasse a própria vida. Deixei, mas não retribuí o gesto de imediato. Deixei ele pensar um pouco sobre aquela experiência, e sobre o que esperava encontrar com ela.

Assim que ele parou de tossir, ele encarou seu próprio reflexo nos meus olhos, então fechou os olhos involuntariamente, enquanto respirava com vontade, como se o ar fosse a coisa mais deliciosa do mundo.

— Obrigado! — Ele disse simplesmente, antes de debruçar sua cabeça no meu colo, segurando minha mão esquerda entre as suas duas mãos, de joelhos diante de mim, chorando copiosamente. Um choro de dor e alívio, um choro sentido, verdadeiro e incontrolável. Coloquei a mão livre em seu ombro.

— Que é isso, não foi nada! Eu *literalmente* não tenho nada a perder se te ajudar.

— Mas *eu quero* retribuir! — Ele ergueu a cabeça e olhou nos meus olhos.

— Olha, de verdade, não precisa, ok? Tá tudo bem. — Só então retribuí o aperto firme, e o auxiliei para que ficássemos os dois de pé. — Alias, falando em *estar tudo bem*, como tem sido seus dias essa semana?

— Bem... normais, eu acho. Ando muito deprimido e tudo parece pior do que nunca foi antes.

Já havíamos começado a andar, e estávamos perto da casa dele. Ele me convidou para lhe fazer companhia um pouco, me fez um café delicioso, me agradeceu mais algumas vezes enquanto me confienciava que se arrependeu no momento em que sentiu o laço apertar seu pescoço, mas já era tarde.

— Como sabia que eu ia tentar?

— Estou vivendo o dia de hoje, todos os dias. Sei muita coisa. — Bebi um gole de café, enquanto ele me olhava com a inocência de uma criança confusa e curiosa — Eu sei que parece loucura, eu também acho que é loucura.

— Então a pergunta que você me fez lá no prédio era séria?

— Muito séria.

— Você perguntou se os dias estão se repetindo para mim, tipo, *literalmente*? — Assenti, ele franziu o cenho e me olhou de canto após a minha afirmativa, como quem conversa com uma completa lunática; mas respondeu gentilmente. — Não, não estão. Pelo menos não *literalmente*. De alguma forma, sinto que os meus dias são sempre iguais, mas não dessa forma.

— Eu entendo. *Como um homem na caixa*.

— *Exatamente como um homem na caixa*. — Bebemos um gole de café em silêncio. — Alice in Chains?

— Isso!

— Eu adoro essa banda! — Os olhos dele brilharam por um breve momento. — Olha, há algo que eu possa fazer para ajudar você?

— Sim! Cuide do Perigo! E de si mesmo também.

Dito isso, me levantei, e quando ia me despedir, ele me interrompeu.

— Vou com você. — Tentei intervir, mas ele levantou a mão em protesto e prosseguiu.

— Por favor, aceite! Eu só quero que a minha vida faça sentido, já que vou viver. Me deixe tentar te ajudar.

Me dei por vencida, e deixei ele me acompanhar até meu carro.

— Carro bonito!

— Você gostou? Sabe dirigir?

— Sei sim, mas faz muito tempo que... — Joguei a chave para ele e me dirigi ao banco do carona. — Posso mesmo?

— Com certeza!

Eu estava estranhamente feliz, porque eu estava vivendo algo diferente, e foi bom permitir a alguém fazer algo novo, incomum. Eu não sabia o passado daquele homem,

nem o que motivou sua tentativa mais cedo, mas não importava; me sentia extremamente grata por tê-lo ajudado.

Chegamos no prédio 20 minutos mais tarde, deixamos o carro na garagem, na mesma vaga de onde o tirei antes, e expliquei para ele que eu não podia pegar o elevador. Esperamos algum tempo do lado de fora até que a recepcionista precisasse ir ao banheiro, ou algo assim.

Logo que tivemos oportunidade, entramos no prédio e fomos para a porta da escadaria; ignoramos a faixa de advertência e entramos. Não encontramos nada ali que justificasse a interdição do local, a não ser a umidade do piso recém lavado, e o risco de queda. Subimos todos os degraus até o andar do meu escritório. Lá deveria haver alguma coisa que justificasse tudo aquilo.

Foi o que pensamos, mas não havia nada. Não havia ninguém no andar, pois ele também estava interditado. A porta da sacada da recepção do escritório estava aberta, e por ali entrava um vento que fez com que alguns papéis se espalhassem pelo chão. As luzes estavam apagadas, mas a luz que vinha de fora era o suficiente para iluminar o ambiente. Tudo o que se ouvia, era silêncio.

Vasculhamos as salas, enquanto o meu novo amigo fumava um Marlboro Vermelho.

Eu tinha a impressão que algo muito ruim havia acontecido ali. Andei até a porta aberta, me aproximei da beirada da sacada e olhei para baixo. Então eu vi.

Lá embaixo, um corpo, e uma multidão de curiosos que se aglomerava ao seu redor. E como se eu fosse transportada por um portal, no momento seguinte eu flutuava sobre o corpo sem vida. Seus olhos estavam abertos, e me vi no reflexo dos seus olhos. Então a reconheci. Era eu.

O homem que me acompanhava tocou meu ombro, lá em cima, no 16º andar, me trazendo de volta.

— Tudo bem?

— Sabe, eu acho que estou sonhando. E sonhar é uma experiência solitária e intransferível. Nada disso aqui é real. — eu não olhava exatamente para o homem, mas através dele.

— Do que você está falando? É claro que é real. É bizarro pra caralho, mas é real pra caralho também.

— Você não é real. Você é apenas outra versão minha. É isso que dizem, que todas as pessoas com quem interagimos em sonho, somos nós mesmos. — Sorri para ele, e para mim mesma ao mesmo tempo.

— Ok. Olha só, agora a gente sabe o que aconteceu. Vamos voltar lá para baixo, descansar um pouco, o que você acha?

— Claro. Vamos voltar lá pra baixo.



Ele virou as costas e deu alguns passos de volta para dentro do escritório, esperando que eu o seguisse, mas eu não podia continuar presa naquela caixa. Eu queria acordar. Então prossegui divagando sobre as possibilidades que eu tinha.

— Quando morremos em um sonho, acordamos na vida real. — O homem voltou a olhar para mim. Agora eu estava sentada no parapeito, de costas para o abismo. — Isso acontece porque nosso cérebro libera adrenalina, um hormônio que nos prepara para enfrentar situações de perigo. A adrenalina é incompatível com o estado de sono, então nos desperta. — Sorri novamente.

— Não faça isso! — O gesto dele foi cauteloso, como se qualquer movimento brusco que ele fizesse fosse capaz de me quebrar, mas na verdade, nada que ele fizesse poderia me causar qualquer coisa que fosse naquele momento. Eu estava perdida dentro de mim mesma. Presa naquele limbo de onde só eu poderia me tirar.

Ele estendeu a mão, na tentativa de me alcançar, mas eu já havia pulado. E jamais alcancei o chão.